

# DE TODOS OS MOTIVOS

Vitor Castrillo



# DE TODOS OS MOTIVOS

Vitor Castrillo



# DE TODOS OS MOTIVOS

Vitor Castrillo

## Sumário

*Uma nem tão breve introdução à Bruno Henrique*

*Dia 2 de Novembro, 2016.*

*Dia 15 de Agosto, 2015.*

*Dia 2 de novembro, 2016.*

*Dia 8 de Julho, 2016.*

*Dia 10 de Julho, 2016.*

*Dia 2 de novembro, 2016.*

*Dia 13 de dezembro, 2013.*

*Dia 29 de Novembro, 2016.*

*Sobre o Autor*

*Sweet creature  
Had another talk about  
Where it's going wrong  
But we're still young  
We don't know where we're going  
But we know where we belong  
Harry Styles – Sweet Creature*

## Uma ~~nem-tão~~ breve introdução à Bruno Henrique

Bruno Henrique e eu sempre estudamos juntos. Quero dizer: eu passei a contar o nosso “sempre” a partir do momento em que fui sorteado para a mesma turma de português que ele no primeiro ano do Ensino Médio.

Não vou mentir e sair dizendo que eu era a pessoa mais conhecida daquela sala, eu conversava com no máximo quatro pessoas e olhe lá. Talvez até fosse pelo fato de passar quase todo o tempo possível estudando sem parar. Ok, esse era muito provavelmente o motivo para os outros alunos me evitarem tanto.

Mas Bruno Henrique era completamente o contrário de mim. Vivia rodeado de amigos e parecia ser a pessoa mais extrovertida do mundo. Olha só, ele era popular! Ser popular assim logo no começo do Ensino Médio deveria ser considerado um grande fato na vida de alguém, não é? Pelo menos eu considerava isso algo grande. Essa época da vida pode ser bem cruel com as pessoas, mas aparentemente não era com ele. No entanto, fora da turma de português, eu sempre o via bastante quieto – também havíamos caído na mesma turma de história e matemática –, então talvez ele não fosse assim tão extrovertido quanto eu pensava.

Meu coração pulava de ansiedade toda vez que eu o via com a cabeça apoiada nas mãos, estampando a maior cara-de-pau entediado do mundo nas aulas de matemática. A situação do meu coração piorava quando a professora de matemática saía e a de história entrava na sala. Ele nem se dava ao trabalho de disfarçar a preferência pela matéria: corrigia a postura, deixava o corpo meio jogado para a frente da mesa e seus olhos brilhavam.

Bruno Henrique estava definitivamente num nível acima do que eu conseguia considerar possível para a minha lista de amigos. Pelo menos era isso o que eu pensava. Ele era lindo, *é* lindo, sempre foi. Desde aquele primeiro dia de aula todo mundo deve ter chegado à mesma conclusão quanto ao fato de que, aquele rapaz, definitivamente havia sido abençoado no setor facial. Enquanto isso eu... Bem, durante aquele começo e meio de

adolescência eu era... eu. Essa é uma boa forma de explicar isso. Enfim, o meu eu-recluso interior criou essa imagem de que Bruno Henrique era superior a mim, o Pedro-qualquer-coisa.

A gente se via muito, afinal de contas três aulas juntos já era um fator que facilitaria a aproximação. Foi uma questão de tempo para que eu vencesse a ansiedade e começássemos a conversar, e foi uma questão de tempo também para que eu me desse conta de que havíamos virado amigos, e, então, melhores amigos. Esse foi definitivamente um momento revelador na minha vida (falar “um divisor de águas” soava muito dramático aqui), já fazia quase um ano que éramos amigos, saíamos juntos e íamos sempre um na casa do outro. Eu descobria mais dele a cada dia.

No nosso primeiro mês de amizade eu descobri que ele não gostava muito de contato físico, então eu evitava ao máximo para não o aborrecer. No segundo, eu descobri que ele era filho único e que havia sido criado apenas pela mãe e pela avó e que ele preferia ser chamado apenas de Henrique. No terceiro eu descobri que Henrique era um baita de um nerd, tanto quanto eu.

Ele já tinha visto todos os episódios possíveis de Pokémon e Digimon, falava que a briga entre os fãs dos animes era idiota; também amava Star Wars e tinha um pôster enorme da Princesa Leia no quarto, falava que era a melhor personagem já criada; ainda por cima colecionava as cartas de Yu-Gi-Oh e achava o *Exodia* superestimado.

Quando eu parei de contar os meses, Henrique começou a buscar contato físico comigo. Antes eu sentia o incomodo e o desconforto nele quando o tocava sem querer, mas depois desse tempo foi ele que passou a procurar e fazer isso.

Criamos esse costume de sermos o apoio um do outro. Tanto emocionalmente, como fisicamente. Ele sempre foi bem mais alto do que eu – mais uma de suas bênçãos genéticas –, então me apoiar e recostar contra ele era uma das minhas coisas favoritas da vida, isso melhorava quando ele me abraçava em meio a isso. Ou então quando ele parecia uma criança assustada, me abraçava e apoiava a cabeça no meu ombro e ficava ali, até o que quer que seja que o tenha deixado ansioso passasse.

E eu não reclamo disso. Nunca reclamei.

Avancemos para os dias de hoje, finalmente. Eu e Henrique estudamos na mesma faculdade. Quero dizer, no mesmo campus, mas cursos diferentes. Ele estuda Geologia com algum tipo de especialização em paleontologia, algo que ele sempre disse que queria fazer. Eu estudo Cinema. Não é um curso tão emocionante e empolgante quanto eu pensava, mas é algo que eu gosto de fazer mesmo assim.

Nós dois moramos – praticamente – juntos. Na verdade, talvez esse não seja o jeito certo de colocar isso em palavras, mas, de alguma forma, dizendo assim eu me sinto bem. Quando começamos a faculdade, morávamos em dormitórios diferentes, o dele obviamente próximo aos prédios do seu curso e o meu próximo aos de audiovisual. Obviamente, nenhum jovem recém-saído do Ensino Médio com um emprego qualquer numa cafeteria consegue se manter muito bem sozinho por muito tempo sem pedir a famosa ajuda dos pais. Então veio a decisão que, como pensávamos, tornaria tudo mais fácil: dividiríamos um dormitório.

## **Dia 2 de Novembro, 2016.**

Respirei fundo antes de levantar as mãos na direção do teclado do computador. Eu me sentia estranho, e a sensação de estranheza piorava quando pensava que estava prestes a expor uma boa parte dos meus sentimentos para estranhos de um fórum em busca de ajuda. Ok, ninguém ali nunca vai saber quem eu sou de verdade, *todos* do fórum usam apelidos esquisitos e *nunca* os nomes reais, mas, ainda assim eu me sentia estranho.

Folheei meu diário ao lado do computador algumas vezes antes de começar a digitar a primeira frase, como se eu precisasse de ajuda para escrever aquilo, e logo senti que o meu peito iria explodir com todas aquelas sensações de volta. Só uma frase:

*Essa vai ser um pouco estranha.*

Empaquei de novo, apaguei tudo. Eu deveria mudar o nome de Henrique naquele texto. Né?... Na verdade, eu não deveria nem estar me perguntando esse tipo de coisa, isso era óbvio, se ninguém usava seus nomes reais no fórum porque eu iria até mesmo pensar em usar o nome real dele? Para ser sincero, eu ainda me questionava se deveria estar escrevendo aquilo para ser postado publicamente em primeiro lugar. Não é como se Henrique fosse ler, de qualquer jeito... Mas eu precisava saber o que outras pessoa me diriam e me aconselhariam a fazer sobre toda aquela situação.

Estalei os dedos e o pescoço, como se me preparasse para uma luta longa e difícil contra o meu arqui-inimigo, e digitei a mesma frase mais uma vez.

E, claro, empaquei de novo. Sentia que a qualquer momento ele entraria no quarto sendo espalhafatoso e veria que eu estava o expondo na internet. Passei a mão pelo cabelo, afastando a franja que já me irritava de tanto cair no rosto, e voltei a digitar.

*Essa vai ser um pouco estranha.*

*O Riquinho e eu éramos da mesma turma de português, história e matemática no Ensino Médio. Eu sempre achei que ele estivesse*

*completamente fora da minha possível listinha de amigos. Ele sempre pareceu meio “fora dos limites”, porque era muito bonito – não malhado como a maioria dos outros meninos da escola queriam ficar, apenas com um corpo muito bem formado e uma genética abençoada no rosto – e parecia (na verdade é) muito inteligente e divertido.*

*Então, por conta de todas essas coisas, eu me brecava de qualquer interação, imaginando sozinho que ele era uma figura intocável e super-popular para mim. A gente acabava se vendo muito na escola. Num certo ponto, já havia passado da hora de deixar de ter medo do Riquinho e tomar coragem para tentar ser amigo dele, né? Então aconteceu.*

*Mais ou menos um ano depois que começamos a sentar juntos na escola e a sair juntos, eu tive um momento extremamente revelador, quando me dei conta que não éramos mais “amigos”, percebi que ele era o meu melhor amigo. Durante aquele tempo todo eu achava que estava ali, ao lado dele, apenas para contar como um a mais na sua listinha de amigos– que ele estranhamente falava pouco sobre.*

*Eu havia me enganado completamente sobre o Riquinho. Sim, ele era até que bem quieto, mas isso era porque ele era um pouco introvertido – ao contrário do que eu achava – e não gostava de falar de si mesmo, na verdade. Ele sempre foi uma das melhores pessoas para conversar sobre os problemas da vida, ele ouve tudo.*

*Além disso, eu sempre achei que ele fosse aquele tipinho de adolescente descolado e cool que gosta de coisas desconhecidas e indie por aí, mas não, eu me enganei bastante nisso. O riquinho é um grande de um nerd como eu – senão mais do que eu. Ele viu todos os episódios de quinhentos animes e coleciona cartas de Yu-Gi-Oh. Nós passávamos bastante tempo na casa um do outro, fazendo dever de casa e assistindo TV depois da escola, ele até mesmo me ensinava a jogar as cartas de Yu-Gi-Oh do jeito certo.*

*Pulando alguns anos até o presente, podemos dizer que a puberdade foi generosa comigo, não fiquei tão bonito quanto ele nem de longe, mas ganhei bastante confiança em mim mesmo. Talvez seja por isso que eu esteja aqui escrevendo esse post publicamente para um fórum. O Riquinho*

*e eu estudamos na mesma faculdade, em cursos diferentes, mas dividimos o mesmo quarto no dormitório.*

*A questão é: Ultimamente eu tenho me perguntado muito se eu e o Riquinho somos mais do que melhores amigos nessa altura do campeonato.*

Parei de escrever e reli tudo que havia escrito até ali várias vezes. Redobrando minha atenção no último trecho. Eu conseguia sentir meu coração querendo saltar para fora do peito igual quando comecei a escrever isso, como se fosse sair pela minha garganta para me dar um tapa na cara em todas as vezes que reli a frase “ *mais do que melhores amigos* ”. Que mico. Mas, eu estava chegando na parte mais crítica do texto. Logo voltei a digitar.

*Esses são alguns dos motivos que fazem eu me perguntar isso:*

- *O Riquinho odeia contato físico. No começo, eu percebi logo de cara que ele ficava desconfortável quando eu encostava nele, então eu sempre evitava. Depois de certo tempo, ele mesmo passou procurar contato. Quando a gente está sozinho, ele chega mais perto e põe a cabeça no meu ombro. É meio fofo. Agora a gente se toca o tempo todo – ei, seu sujo que está lendo isso, não é sexualmente –, ele se apoia em mim quando estamos de pé, um do lado do outro, ou coloca o braço em volta dos meus ombros. E eu gosto muito da sensação disso.*
- *No começo, quando dormíamos na casa do outro aos finais de semana, um de nós dormia no chão, no sofá, ou qualquer coisa do tipo em que se pudesse encostar e dormir. Agora, a gente até dorme na mesma cama. Uma vez, acordei com o braço dele em volta de mim. Eu vou simplesmente fazer o jogo limpo: meu coração teve reações extremamente vergonhosas nessa primeira vez em que isso aconteceu.*
- *Ele me fez assistir todos os filmes de Star Wars.*
- *A gente até vai nas viagens de família um do outro.*

Parei de digitar mais uma vez. Agora com muita certeza de que provavelmente eu não terminaria esse texto nunca de tanto que parava do nada. Dessa vez o que me fez parar foi uma memória insistente de um dia de pouco mais de um ano, que, de certa forma, resumia esses três primeiros motivos.

## **Dia 15 de Agosto, 2015.**

Eu fui o primeiro a chegar ao nosso quarto no novo dormitório. Pedi ajuda de algumas pessoas pelo caminho para subir as minhas coisas e logo já estava com a porta escancarada na minha frente esperando algum sinal que me dissesse para entrar logo ali e começar a tornar aquele quarto vazio em um projeto de lar.

Suspirei e dei o primeiro passo para dentro do quarto, respirando fundo. As paredes eram brancas, mas um pouco manchadas pelo tempo e bolor, não era um prédio exatamente novo. Meu coração ainda acelerava com o pensamento de dividir o espaço de um quarto com Henrique. Éramos melhores amigos fazia bastante tempo, sim, mas nunca havíamos levado a sério a ideia de “morar juntos”, talvez seja porque eu ainda tinha um pouco do pensamento de que ele está num patamar acima de mim fixado na cabeça.

– ALELUIA! – Me assustei com o grito de Henrique logo atrás de mim.

Me virei na direção dele e vi um muro de caixas balançando no lugar que deveria ser de um rosto.

– Meu deus, você é maluco? Por que não me ligou lá de baixo ou pediu ajuda de alguém para subir tudo isso?! – Repreendi, tirando as duas caixas do topo da pilha bamba, revelando o rosto dele, o sorriso largo se refletia nos olhos que viravam duas formas de meia-lua pequenas.

– Porque a escolha de subir tudo sozinho era uma aventura, e eu sou aventureiro, você sabe disso. – Ele retrucou, largando as caixas num canto do quarto.

– Tudo bem então, senhor Indiana Jones. Agora a sua próxima aventura vai ser arrumar tudo isso e montar os móveis sozinho, o que você acha? Emocionante o suficiente?

Ele se jogou de qualquer jeito no chão, esparramando o corpo para todo lado.

– De repente eu perdi todo meu espírito aventureiro, não entendo isso...

– Idiota. – O chutei.

– Sim, sou muito.

– Sempre soube, não se esqueça que foi uma das primeiras coisas que eu te chamei.

Henrique gargalhou, se lembrando do que eu me referia.

– Logo na segunda vez que conversamos você vai, bem simpático, e me chama de idiota porque eu pisei no seu pé sem querer. Foi uma ótima forma de criar uma impressão, para ser sincero.

– Eu sei, foi tudo planejado. – Brinquei enquanto começava a tarefa de abrir as caixas e organizar tudo.

– Eu tô com preguiçaaa – Ele resmungou.

Atirei uma caixa pequena na direção dele.

– Começa logo, assim terminamos rápido e você vai poder dormir e aproveitar essa preguiça toda de boa.

O que era uma mentira, depois de desencaixotar tudo e guardar as coisas, ainda teríamos que montar as camas se não quiséssemos dormir só com os colchões jogados de qualquer jeito no chão.

– E quem disse que eu quero dormir? – Ele finalmente se levantou e começou sua parte do serviço.

– Você mesmo, tá louco? – O olhei de canto de olho.

– VEJA BEM, – ele exclamou, erguendo a tesoura infantil sem ponta que usava para abrir as caixas como se fosse um microfone. – Eu disse que estava com preguiça, não com sono.

– A diferença é mínima. Quando qualquer pessoa está com preguiça ela geralmente dorme, você só está se contradizendo.

Henrique levantou a mão livre e forçou uma expressão de ofensa.

– Você está querendo dizer que eu sou “qualquer pessoa”? – Arfou falso. – Pedro Nogueira, desse jeito você magoa todos meus sentimentos e quebra o meu coração.

*Essa era a última coisa que eu sequer cogitaria fazer na minha vida.*

– Então defina como você aproveita a sua preguiça, Bruno Henrique. – Coloquei as caixas de lado e me virei para ele.

– Com você, obviamente. – Ele gesticulou como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. – Você não se lembra de quando nós passávamos os finais de semana fazendo 100% nada? Isso é curtir a preguiça.

– Jogar videogame não é “fazer nada”. – Retruquei, lembrando dos finais de semana.

– Não esses finais de semana, seu tapado insensível.

– Ei! – Protestei, rindo pelo xingamento.

– Os outros, quando a gente só ficava jogado no tapete do meu quarto. – Lembrou. – Fazendo nada.

– A gente conversava.

– Sim, justamente, a gente conversava sobre nada. – Ele bateu o pé.

– Eu desisto de te entender, Henrique.

De repente, ele começou a rir extremamente alto. Gargalhava tão alto que eu já até conseguia imaginar os vizinhos estranhando e batendo nas paredes com vassouras para que ele parasse de fazer tanto barulho.

– Aiiii – Ele apertou a barriga. – Você lembra daquela vez, quando viajamos para Ubatuba com a sua família, e eu pesquei um peixe enorme e joguei ele sem querer na cara do seu avô?!

Engasguei uma risada ao me lembrar da cena que incluía um Bruno Henrique magricela cantando vitória com o peixe nas mãos e gritando para todos os ventos que tinha ganhado de todo mundo com o maior peixe, então o bicho começou a se debater e voou das mãos dele direto para o meio da cara do meu avô.

– Então a sua mãe disse a melhor coisa da vida: Bruno Henrique não se entende, Bruno Henrique se sente e compreende. – Ele imitou a voz da minha mãe com tanta precisão que piorou o estado da minha risada engasgada que rapidamente fugiu do controle e ficou tão alta quanto a dele.

– Isso ainda é verdade. – Concordei, me recuperando da crise de riso repentina.

– Então, sinta e compreenda a preguiça, Pedro.

Olhei para todas as caixas que nos cercavam e suspirei, relaxando os ombros, me sentindo completamente derrotado, como quando a Gretchen tocou o sino da Fazenda.

– Sinceramente, estou sentindo a preguiça com muita força no momento.

– Viu? – Ele abriu uma das caixas que tinha junto de si e tirou de lá um engradado de bebidas.

– Desde quando isso estava aí?

– Desde que eu passei no mercado antes de vir para cá.

Ele abriu uma lata e passou para mim antes de pegar uma para si mesmo. Se jogou de qualquer jeito no chão e apoiou as costas na parede, me sentei ao seu lado tomei o primeiro gole da bebida.

– Sabe, eu estou muito feliz com isso tudo. – Ele disse depois de um longo momento de silêncio.

– Isso o quê? – Perguntei distraído com a sensação da bebida amarga que era horrível sem gelo descer pela garganta.

– Nós dois morando juntos, e tal.

Essa foi uma das melhores noites da minha vida. Pelo menos uma das melhores noites desde que eu comecei a contar o nosso “sempre”. Talvez seja até vergonhoso que eu escreva sobre essas coisas em um diário, tendo em vista que tenho os meus vinte e poucos anos e pareço um adolescente apaixonado de novo. Mas, tanto faz, escrever para alguém –

mesmo que seja para um caderno com capa do Star Wars – já é um alívio tão grande por não ter que guardar esse peso todo apenas para mim.

Depois de algumas horas, completamente bêbados, já estávamos dançando sem nexos para as músicas que o modo aleatório do celular de Henrique tocava – ele tinha um gosto musical horrível, vale ressaltar –, até que ouvimos batidas nas paredes para que fizéssemos menos barulho, o que só resultou em um surto de risadas, mas o bom senso venceu os 7% de teor alcoólico de cada lata vazia no chão e ao menos desligamos a música.

E isso não impediria Henrique de dançar para o nada. Esse era um dos motivos que me fazia gostar tanto dele. Henrique simplesmente não se importava. Não ligava se estava ridículo, se parecia um boneco de posto se balançando para todo lado, ou algum meme escroto da internet que viraria um gif de dança. Não se importava se estava dançando uma música lenta silenciosa comigo, com o rosto colado no meu e rindo baixinho, embriagado, no meu ouvido.

Ele não se importava, e eu tentava não me importar. Tentava não deixar o meu coração pular. Tentava respirar normalmente. Tentava não demonstrar demais.

Em algum ponto da noite, eu joguei o meu colchão de qualquer jeito no chão e me deitei ali, completamente exausto da farra sem motivo. No começo, quando dormíamos na casa do outro, um de nós dormia no chão, no sofá ou num tapete qualquer. Agora, a gente até dorme na mesma cama. E essa foi a primeira vez que isso aconteceu.

Esse foi o dia em que eu acordei com o braço de Henrique em volta de mim. Definitivamente, eu não posso mentir sobre as reações vergonhosas do meu coração. Ele ainda dormia bem ao meu lado, eu conseguia ouvir a sua respiração compassada e tranquila, algumas vezes seus dedos se mexiam sozinhos e eu os observava enquanto seu braço envolvia a minha cintura. Eu pensava só em como eu queria entrelaçar os meus dedos com os dele. Pensei na sensação gostosa que crescia dentro de mim, de como estava realmente gostando daquilo. Que eu era sortudo por isso.

Algumas horas depois ele acordou e cutucou a minha barriga com a mão que me envolvia. Me virei para ele no colchão. Em momento algum

ele fez menção de que tiraria o braço que estava ao meu redor. Ficamos nos olhando em silêncio, curtindo o silêncio e o escuro. Curtindo a preguiça, como ele diria. Até que eu sorri mais largo que o normal e disse qualquer coisa sem sentido e nós dois caímos na risada.

## **Dia 2 de novembro, 2016.**

Eu me sentia a pessoa mais ridícula da face da Terra. Sorrindo para a tela de um computador enquanto lembrava de cada uma das sensações daquele dia. Olhei para o relógio acima da minha escrivaninha e senti uma pontada de desespero.

Por sorte, não tive aula naquele dia, mas Henrique tinha, por isso eu estava ali com o quarto vazio inteiro para mim. Mais privacidade para conseguir escrever aquele texto. Por mais vergonhoso que ele estivesse se tornando àquela altura. De qualquer forma, precisava terminar antes que ele saísse da aula, assim ao menos teria mais tempo para engolir a vergonha e disfarçar quando ele chegasse.

Voltei imediatamente a escrever os outros motivos.

- *Quando estamos em aula, ele manda algumas mensagens fofas. Do tipo “Sinto a sua falta, olha esse meme”, “Vi uma pedra nova aqui e achei ela a A Sua Cara”, e etc. Fiquei sabendo por alguns amigos dele que ele fala muito de mim, o que é um alívio enorme para mim, porque eu falo dele para os meus amigos o tempo todo, quase sem parar. Já fui chamado até de o Só Fala De Macho Do Rolê™.*
- *A gente troca presentes às vezes, sem motivo nenhum. Ele me manda algumas amostras das pesquisas dele, tipo rochas e folhas esquisitas ou bonitinhas. Pode parecer muito idiota eu ficar tão feliz por receber, literalmente, um punhado de pedras e folhas em caixas embrulhadas como se fossem joias caríssimas, mas pode apostar que tenho um baú completamente dedicado para cada uma dessas coisinhas. Sinceramente, o Riquinho poderia me dar um montinho de bosta de pato que ele achasse cientificamente significativa, e eu provavelmente ainda assim guardaria com carinho.*

- *Recentemente ele foi numa viagem do curso dele com a faculdade e, quando voltou, me contou que havia identificado um novo tipo de coisa, um minério, algo assim. Ele disse que tinha dado o meu nome a essa coisa. Eu fiquei impressionado, lembro até hoje da sensação e perguntei o porquê. Ele disse: “O nome de quem mais eu daria?”.*
- *Nenhum de nós dois esteve em um relacionamento recentemente. Pelo menos da minha parte eu não tenho me sentido muito disposto ou com energia o suficiente para isso. Acho que talvez seja porque, às vezes, sinto que já tenho o Riquinho, como se tivéssemos algo concreto... Eu não tenho uma preferência de gênero, nada assim, e meus amigos sabem disso, inclusive o Riquinho. Sou bi. Já ele sempre foi muito vago sobre sua orientação.*
- *A gente faz muita coisa sozinhos, só nós dois mesmo. Como ir à praia, ou ao cinema, qualquer coisa. Uma vez eu não estava tendo um dia lá muito bom, ele chegou de uma viagem mais cedo e me surpreendeu batendo na janela do quarto. No segundo andar. E nos levou de carro para o topo de uma montanha, a gente pulou para o banco de trás e ficamos ali deitados, vimos o sol se pôr e tentamos nomear as constelações quando vimos estrelas.*

Olhei para o lado por um segundo, justamente para o tal baú onde eu guardava todas as coisas que Henrique já havia me dado, e sorri abobalhado mais uma vez.

## **Dia 8 de Julho, 2016.**

Eu me acostumei a dividir o quarto com Henrique muito rápido, não é como se nós já não passássemos boa parte dos dias juntos antes, a questão é que dividindo o quarto com ele tudo ficava obviamente mais constante. Ele é bagunceiro, eu sou o contrário disso. Ele chegava da aula cansado e largava suas coisas de qualquer jeito pelo quarto, no outro dia de manhã eu o via acordar cedo para recolher a bagunça e não me incomodar. Eu já havia até me acostumado com a bagunça de Henrique, e estava mal-acostumado por causa disso.

Já fazia uma semana que ele havia saído do país para algum lugar entre o Chile e o Peru, junto com alguns outros alunos e o professor de uma matéria que eu nem sei pronunciar o nome por conta de um projeto de pesquisa da turma. E isso era algo grande para ele, eu ficava feliz por Henrique estar conquistando essas coisas. Eu só não ficava feliz com ter o quarto vazio todo só para mim.

Que saco.

Eu estava no meio de uma aula relativamente chata de teoria da comunicação onde o professor proclamava um longo discurso pacato sobre a influência das cores nos pôsteres e em toda a fotografia dos filmes. Tentei vencer o tédio que toda a situação acumulada junto a voz chata do professor jogava nos meus ombros e prestei o máximo de atenção que conseguia à aula.

O professor explicava um pouco da teoria das cores, pulando toda a parte esquisita que fala sobre como as cores são a forma com que o cérebro recebe e interpreta os sinais eletro-nervosos vindo dos olhos e blablabla. Ele chegou ao ponto da teoria que deixou de ser tão técnico e passou para um ar mais de curiosidades, em que as cores têm certos efeitos psicológicos na pessoa que as vê.

Vermelho é a excitação, a paixão, até a raiva. Amarelo é concentração. Laranja é generosidade e equilíbrio. Verde é esperança e cura. Azul é a purificação e a paz. Lilás não tem um significado certo, algumas

teorias dizem que tem mais influência em emoções e humores extremos. Rosa é a amizade. Branco é a purificação transformadora. Ao explicar o preto, o professor se demorou um pouco mais, confuso no que falava, associou a cor com uma capa de aço, quase uma caixa, onde o que está dentro não sai dali, fica preso, e o que está fora não entra.

Eu ainda pensava em tudo isso quando cheguei ao dormitório no final do dia. Estava com uma dor de cabeça maldita que me doía das têmporas e latejava por todo o crânio, e logo que pisei dentro do saguão do prédio fui chamado por uma voz esganiçada que disse que havia chegado um pacote para mim. Peguei o pacote – uma caixa de papelão cheia de selos e adesivos de alpacas – e li o nome do remetente na caligrafia quase infantil de Henrique. “Pedro Nogueira”, meu nome escrito com muito mais cuidado do que as informações do endereço. Não contive um sorriso e subi até o nosso quarto praticamente abraçando a caixa.

Só me permiti abrir o pacote quando já estava com a porta devidamente fechada atrás de mim, peguei a tesoura infantil sem ponta – que Henrique ainda usava como microfone em momentos oportunos – e abri o pacote. Dentro, uma caixinha preta com um adesivo de alpaca me encarava como se me desafiasse a abri-la logo.

Ri enquanto tirava o adesivo com o maior cuidado do mundo para não o rasgar e abri a caixinha. Tirei de lá uma pedrinha um pouco maior que o meu dedão junto de um cartão pequeno que dizia:

*“Essa é uma rocha desconhecida. Pelo menos era, é como se fosse uma mistura de lápis-lazúli com ouro, ainda não conseguimos estudar muito... Enfim, eu descobri isso e o cataloguei primeiro, até discuti com o professor, mas dei o seu nome a ela.”*

Só isso.

Quero dizer...

Meu Deus do céu?

Revirei a pedrinha, olhando cada milímetro possível, tentando absorver o tom de azul rajado de listras fininhas douradas. E isso agora tinha o meu nome. Henrique havia dado o meu nome a uma de suas

primeiras descobertas. Esse foi um acontecimento divisor de águas. Pelo menos para mim. Não era um gesto pequeno, nem simples, nem de longe. Mas... Nossa.

Quase como se ele pressentisse que eu já havia recebido o presente, meu celular tocou avisando que eu tinha uma mensagem de Henrique. Há um bom tempo nós havíamos pego o celular um do outro e trocado os toques de mensagem para um som específico apenas para os nossos contatos.

***“Recebeu meu presente?”***

*“Acabei de abrir. Eu tô é chocado, Henrique.”*

***“Porque? Não gostou?!”***

*“AMEI!! Mas como assim a rocha tem o meu nome?!”*

***“O nome de quem mais eu daria?”***

Não consegui responder. Nada parecia suficientemente bom ou a altura. Uma leve tremedeira também não me deixava digitar algo que o corretor automático conseguisse identificar.

***“Preciso ir, o professor vai se reunir com todo mundo agora, mas amanhã pegamos o voo de volta.”***

Joguei o celular de qualquer jeito na cama atrás de mim e deitei, ainda apertando a pedrinha na mão. Meu coração palpitava sem parar. E eu tentava entender o porquê disso ao certo.

## **Dia 10 de Julho, 2016.**

O voo do Henrique atrasou mais de doze horas por conta de uma chuva qualquer. Pelo menos foi isso o que ele me disse por mensagem. Já o primeiro jornal da manhã me disse que, na verdade, aquela tal chuva qualquer era uma tempestade monstruosa que atingia boa parte da América do Sul e em breve chegaria ao norte do Brasil.

A intenção dele era claramente me acalmar, mas não funcionou de jeito nenhum, mesmo quando ele me avisou que o avião estava para sair, eu ainda me sentia gelado e tenso. Durante o dia inteiro eu me sentia uma caçamba de lixo graças à tensão.

Não conseguia prestar atenção direito em aula nenhuma e agradeci a Deus quando os professores liberaram a sala toda pelo resto do dia. O que significava que eu poderia curtir o resto daquele dia infernal sozinho debaixo das cobertas. Pelo menos até saber que Henrique havia chegado no país são e salvo.

Antes de me afundar na cama, abri o baú e tirei de lá a pedrinha que ele havia me dado e deitei. Fiquei ali por horas, rodando a pedrinha entre os dedos. Eu ainda me sentia extremamente... Não sei. Extremamente qualquer coisa entre fascinado, lisonjeado e...

Confuso.

Eu não sabia do que chamar mais nada. Não sabia o que era, nem o que acontecia comigo quando Henrique era o assunto. Não sabia o que era que fazia meu coração palpitar quando ele abandonava a cama dele e resolvia que era muito mais confortável se espremer junto comigo numa cama miúda de solteiro. Que me fazia sentir segurança toda vez que ele me abraçava. Que me fazia sentir como se pudesse ser qualquer coisa por que ele havia dado o meu nome para a sua primeira descoberta como pesquisador.

Encarei o azul da pedra, me lembrando da aula de teoria das cores.

Henrique era azul, rosa, branco e vermelho ao mesmo tempo.

Melhor, ele era todo o círculo cromático. E eu era cinza. Mas quando Henrique estava por perto, eu me tornava um céu inteiro lilás, com nuvens roxas e um mar de laranja, amarelo e vermelho. O que eu sentia por ele era como a caixa de aço da cor preta, eu estava ali, e não sairia. Pelo menos não até descobrir, com todas as palavras, o que acontecia comigo por conta dele.

Eu tinha todas as ideias certas sobre Henrique, mas não tinha nenhum conceito concreto de nós dois.

Cochilei depois de algumas horas e a única coisa que me fez acordar foi uma batida insistente no vidro da janela, logo acima da minha cama. Arregalei os olhos quando vi Henrique – ligeiramente bronzeado – com o seu sorriso de bobo me encarando e acenando loucamente do lado de fora.

Escancarei a janela e olhei abismado para a escada de onde ele se apoiava.

– SEGUNDO ANDAR!! – Foi a única coisa que consegui pronunciar que não parecia com “AAAKLSJDFKL?!?”.

– Não pergunte! – Ele se apressou e cobriu a minha boca com as mãos. – Só desce e entra no carro, tá bom? Estou te levando daqui e você não tem como fugir. – Ele colocou metade do corpo para dentro do quarto e me abraçou do jeito mais desastroso possível.

– VOCÊ VAI CAIR! – Gritei, me afastando do abraço. Calcei um tênis de qualquer jeito e guardei a pedrinha no bolso da calça. – Pelo amor de deus, DESCE LOGO DAÍ! Eu já estou indo!

Corri desajeitado até a rua feito louco e o encontrei rindo encostado no carro velho que havia ganhado da mãe no começo do ano.

– Se você tivesse caído, eu JURO que não ia nem chamar o Samu, eu ia apontar e rir.

– Você se preocupa demais, Petro. – Ele disse, usando o apelido que havia me dado no nosso último ano do ensino médio. – Tenha mais calma nessa vida, vai morrer novo de tanto se preocupar desse jeito.

Bufei, irritado, e fingi continuar irritado enquanto ele me abraçava apertado. Lutei contra a vontade de retribuir o abraço o quanto pude, tentando manter a pose de enfezado, mas não resisti quando o perfume característico dele me atingiu. O abracei de volta, o apertando mais forte que conseguia para tentar aliviar toda a tensão que a preocupação de mais cedo havia causado. E me sentia a caçamba de lixo mais clichê-adolescente do Brasil.

– Vamos logo, – ele disse, se afastando para entrar no carro.

Só reconheci uma parte do caminho, até o ponto em que a placa de que estávamos deixando a cidade passou por nós, e então ele pegou alguma estrada alternativa que eu desconhecia. A única coisa que identifiquei eram as montanhas cada vez mais próximas. Em quase quarenta minutos de estrada, ele pegou outro caminho de terra e chegamos no topo de uma das montanhas da região e então o carro parou. Aparentemente aquilo era um mirante antigo ou algo do tipo.

– Chegamos. – Anunciou, já se apressando a sair do carro.

– Como eu não conhecia esse lugar? – Perguntei ligeiramente fascinado pela vista. Dali conseguíamos ver literalmente toda a cidade, inclusive o nosso campus, lá no fundo, onde o sol começava a se pôr agora.

– Não tem nenhuma placa, nem nada do tipo, na verdade. Era um mirante da cidade mesmo, mas foi desativado tem alguns anos. – Contou.

– E você descobriu isso como?

– Meu professor orientador veio recolher algumas amostras do solo daqui para analisar e estudarmos a região. Ele quer que o mirante seja reativado.

– Eu não fazia ideia de que você falava grego. – Brinquei.

– Eu falo. – Ele sorriu de volta e se aproximou de mim.

E acontecia mais uma vez, naturalmente, como se nenhum de nós dois percebesse: eu recostava as costas contra Henrique e ele fechava os braços ao meu redor. Apoiados no capô do carro, vimos o sol descer e sumir atrás do campus, até desaparecer e finalmente se pôr.

Eu sentia a respiração dele próxima ao meu pescoço porque ele havia abaixado a cabeça e apoiado o rosto na curva do meu ombro. Meu corpo inteiro se arrepiou quando um vento mais frio nos atingiu e a respiração quente dele contrastou com o frio. Senti seus lábios passarem rapidamente na lateral do meu pescoço enquanto ele levantava a cabeça. O que poderia muito bem ter sido um acidente, ou um beijo rápido.

Meu coração disparou. A palavra “*apaixonado*” surgiu e começou a retumbar na minha cabeça, logo ao lado da palavra “*confusão*”.

Reprimi as duas palavras. Éramos melhores amigos, apenas isso. Melhores amigos fazem esse tipo de coisa, né? Dormir na mesma cama, se abraçar o tempo inteiro... (Talvez) Beijar o pescoço do outro?

– Tá ficando meio frio. – Ele comentou, brincando com a barra da minha jaqueta.

O vento gelado começava a balançar e bagunçar meu cabelo e minhas roupas. Assenti, concordando com seu comentário, completamente sem graça por toda a situação e pela bagunça interna que eu me tornava quando ele estava por perto. Ele me puxou levemente pelo braço até a porta do banco de trás do carro e entramos ali.

– Um segundo. – Ele pediu, se remexendo no banco apertado até achar o trinco que destravava o encosto e deitou todo o banco para trás no lugar do porta-malas vazio, que agora servia como um colchão improvisado.

Nos estendemos ali, e encaramos o céu pelo vidro de trás do carro que, graças ao modelo esportivo, nos permitia ver o céu confortavelmente.

– E se eu quisesse fugir? – Perguntei subitamente, senti a mão de Henrique procurando pela minha e a segurei.

– Então eu fugiria junto, obviamente. – Ele disse, apertando meus dedos.

– Mas então nós seríamos o que, algum tipo de Bonnie e Clyde? – Ri.

– Não, nós não cometemos nenhum crime até agora.

– Mas eu quero fugir, para fugir precisamos de um motivo.

– O único motivo plausível seria se você estivesse querendo fugir de mim. – Ele riu baixinho.

– Acertou. É esse o motivo.

– Ah, então isso vai virar uma perseguição. Tipo aquelas cenas de filme, sabe? – Ele abriu a minha mão e começou a tracejar as linhas da minha pele.

– Sei. – Retruquei. – Mas isso é muito difícil de acontecer.

– A perseguição? É nada.

– Eu querer fugir de você. – Respondi de uma só vez, sem notar o tom do que havia acabado de falar.

Levantei o olhar, constrangido, e encontrei um dos maiores sorrisos no rosto de Henrique.

– Então vamos fugir juntos, eu já sugeri. – Ele disse vitorioso.

– Vamos sim. – Concordei, contendo o constrangimento.

– Podemos dirigir a noite toda, em linha reta, até chegar em lugar nenhum. – Ele planejou, como se arquitetasse o melhor plano de fuga do mundo. – Nós podemos fazer qualquer loucura que quisermos, já pensou nisso? – Seus olhos brilhavam. – Seria um momento de ouro, quase como se a gente pudesse transformar tudo em ouro.

– Por que “quase”? – Perguntei. – Nós podemos sim transformar tudo em ouro.

– É claro, menino de ouro. – Ele se remexeu, chegando para mais perto de mim, tocando nossos ombros.

– É sério, somos Midas.

Ele passou um braço por trás do meu pescoço e eu aproveitei e cheguei mais perto dele, apoiando a cabeça nele.

– Inclusive, você quer saber o nome inteiro da sua rocha? – Ele perguntou.

– Pensei que fosse só Pedro. – Ri sozinho para disfarçar o quanto eu era leigo daquilo.

– Não, é meio que um costume que os nomes tenham algumas coisas, mas ele inteiro caiu perfeitamente bem. Tanto com a rocha quanto com você. – Contou, então ergueu nossas mãos juntas até a altura dos nossos olhos, contra a visão do céu. – *Aurum Petro* . – Disse devagar.

– Petro. – Eu repeti. – Por que o apelido?

– Eu que te dei esse apelido, é o seu nome para mim. – Ele riu baixinho, perto do meu ouvido. – Pedro de ouro.

Eu quis gritar. Quis me encolher até virar uma bolinha de nada e sumir. Mas a sensação do calor do corpo dele junto do meu, do abraço e das nossas mãos juntas me prendiam e faziam acreditar que aquilo era a realidade, não me deixavam desafiar as leis da física e simplesmente sumir dentro de mim mesmo.

Depois ele me explicou que o nome tinha ouro por causa dos filetes de ouro em meio a rocha azul. Também me contou de como descobriu a rocha enquanto deveria estar escavando em busca de uma amostra contaminada de solo de “sei lá quanto anos” – como ele mesmo disse – e acertou as ferramentas em algo mais duro que a pedra comum, e por conta do choque até machucou a mão. Então ele me mostrou a palma da mão direita com um leve tom arroxeadado do hematoma. Disse que a primeira coisa que pensou quando viu o tom de azul da pedra foi na cor da camiseta que eu uso para dormir, só então eu reparei que o tom era realmente quase o mesmo.

Henrique me disse que era a cor que ele mais gostava de ver todo dia, logo que acordava. De preferência, ele fez questão de acrescentar, quando acordava junto comigo.

## **Dia 2 de novembro, 2016.**

Pisquei várias vezes, até recuperar o foco da visão e a concentração de antes. O turbilhão de sensações causados pelas memórias que me invadiram de uma só vez me fizeram sentir como um trem descarrilhado empacando toda a ferrovia.

Olhei para o relógio mais uma vez e levei um susto ao constatar que dali a meia hora Henrique sairia da aula. Seria uma questão de minutos para que ele chegasse ao quarto e, porra, eu tinha que terminar isso logo. Estalei os dedos mais uma vez e digitei:

*Eu penso muito no Riquinho, tipo toda hora. Ele é bonito e muito inteligente e engraçado e, ao todo, provavelmente a minha pessoa favorita do mundo. Eu chego a sentir vergonha de mim mesmo as vezes pelo tanto que eu gosto dele. Ele faz o meu dia com uma mensagenzinha de nada, ou um meme idiota.*

*Muitas dessas coisas podem ser explicadas como qualquer coisa que amigos fazem e outras que... não. (Ué, como assim caras héteros não se abraçam o tempo inteiro e nem dormem abraçadinhos??)*

*Eu me formo na faculdade ano que vem, ele vai continuar estudando por mais dois, e eu me dei conta de que é a primeira vez que eu não consigo decidir o que fazer da minha vida. Provavelmente vou ter que voltar para a nossa cidade natal, aqui onde moramos agora é basicamente uma cidade universitária. Também me dei conta de que, do jeito que for, onde quero viver é onde Henrique estiver.*

*Mas eu sinto que se formos morar juntos, fora de um dormitório de faculdade, no sentido de realmente dividirmos uma casa, eu deveria finalmente descobrir o que somos. Se somos amigos, melhores amigos ou... namorados. O Riquinho é bastante reservado, não tem muito costume de se abrir facilmente, então parece que vai sobrar para que eu tome a iniciativa sozinho nessa coisa toda.*

*Resumindo: Meu melhor amigo e eu temos um comportamento que não é tão platônico. Como eu pergunto para ele se somos mais do que*

*amigos, ou se ele quer ser?*

Praticamente gritei de felicidade quando finalmente cliquei no botão de enviar postagem. E, também, praticamente gritei de vergonha por ter feito isso. Meus surtos internos nem tiveram chance de durar mais do que isso, porque logo em seguida disso, ouvi a porta do quarto se abrir e os passos de Henrique para dentro do quarto.

– CHEGUEI! – Gritou, pulando na sua cama e abraçando o travesseiro.

Fechei o notebook com força, me arrependendo logo em seguida por conta do som seco da batida, mas ignorei isso e me virei na direção dele com o sorriso mais forçado do mundo no rosto.

– Olá! – Cumprimentei, bem natural. – Chegou cedo.

– O professor da última aula tirou licença, resolvi vir para cá mais cedo. – Contou. – Assim fico aqui curtindo a preguiça com você por mais tempo. – Ele esticou o braço e abriu e fechou a mão na minha direção, me chamando para perto.

Fui até lá e ele me puxou para deitar ao seu lado.

– O que você estava fazendo? Pareceu assustado quando eu cheguei. – Perguntou, apertando os olhos. – Não estava vendo pornô, né? – Sorriu de lado, zombando de mim.

– NÃO! – Exclamei, muito mais alto do que deveria. – Só estava editando meu projeto de cinema, ué. – Me apressei em desviar. – Você sabe, eu curso cinema, e tal.

– Então porque fechou o notebook como se estivesse vendo algo proibido? Esquisito.

– Eu não gosto que vejam minhas coisas antes que eu termine! – Protestei. Em parte, era verdade, exceto para esse caso que não envolvia filme nenhum.

– E eu posso saber sobre o que é esse projeto? – Ele perguntou incisivo, claramente desconfiando de mim.

– Claro. – Limpei a garganta. – É sobre esse rapaz aventureiro que viaja para um continente desconhecido e descobre uma catacumba e lá ele encontra um baú do tesouro, e, dentro dele, tem milhares de pedrinhas azuis listradas de ouro.

Ele riu alto.

– É uma história ótima, vai ser hit, o novo blockbuster.

– Vai ser. – Afirmei. – Você só espera que vai ver.

Em seguida disso, caímos em um silêncio quase palpável, quase sólido, mas não era desconfortável. Meus olhos pesavam de sono, nos últimos dias eu não havia dormido lá muito bem, e ouvir e contar a respiração de Henrique bem ao meu lado me acalmava de alguma forma. Não demorei muito para cair no sono, senti ele me abraçar pouco antes de dormir de vez, e senti também um milhão de perguntas se entalarem na minha garganta.

## **Dia 13 de dezembro, 2013.**

– Petro. – Henrique disse em voz alta, de repente, quebrando o silêncio.

Virei a cabeça na direção dele, estávamos deitados no chão do quarto dele, lado a lado.

– O quê?

– É o seu apelido. – Ele disse, sem tirar os olhos do teto do quarto.

Voltei a olhar para cima como ele. O teto inteiro era pintado de preto e tinha várias estrelinhas que brilhavam no escuro grudadas ali.

– Meu nome é curto, não precisa de apelido.

– Exatamente, todo mundo te chama só de Pedro. Eu quero te chamar de outra coisa, que só eu saiba.

– É quase a mesma coisa que Pedro. – Retruquei.

– Mas só eu falo o som do T. – Ele deu de ombros.

– Então eu preciso de um apelido para você também.

Fechei os olhos, tentando pensar em alguma coisa. Lembrei de todos os apelidos que ele já tinha, não eram poucos. Brunão, Brunenrique (esse era uma junção dos dois nomes que só a mãe dele usava), Bru, Henrinho, Rico, Rique. De todos esses, ele sempre deixava claro que gostava só do Henrique mesmo.

– E aí? – Ele perguntou, curioso, depois de um bom tempo em que eu não falei mais nada.

– Não sei. – Desisti. – Eu já gosto do seu nome sozinho o suficiente.

– Você meio que já fala de um jeito só seu. – Ele observou com um riso leve na voz.

– Sério? Como?

– Não sei imitar, mas parece que você fala mais rápido que todo mundo, fica uma mistura de sons do “Hen” e do “Rique” de uma só vez.

– Isso não fez sentido nenhum, Henrique.

– Isso! Desse jeito mesmo. – Ele exclamou. – Fala de novo.

– Não. – Ele se virou e me encarou por um longo segundo, me fazendo desistir do silêncio. – Henrique.

Ele abriu um sorriso.

– Viu?

– Não, não faz sentido.

– Para mim faz, é o que basta.

Caímos no silêncio mais uma vez.

A janela do quarto estava aberta e conseguíamos ouvir uma chuva forte “de verão” começar a cair do lado de fora. Já era o final do ano, nosso último ano de Ensino Médio. Ainda estávamos esperando os resultados dos vestibulares, mas já não tínhamos mais aulas da escola e todos já haviam se despedido. Não me despedi de Henrique no último dia de aula porque sabia que continuaríamos nos vendo quase todos os dias. Eu me sentia mal naquele momento. Por pura incerteza de como seria o próximo ano.

Eu quero fazer faculdade de Cinema, não que eu sempre tenha sido apaixonado por isso na vida, mas foi algo que eu fui criando gosto e tomei essa decisão com base nisso. Henrique quer fazer geologia, o caso dele é diferente do meu, ele sempre foi apaixonado por tudo e qualquer coisa que estudasse a Terra como um todo.

Desde o começo das inscrições para os vestibulares nós não falamos muita coisa sobre isso, nem de onde faríamos o curso. Eu tinha medo de que fôssemos cada um para um canto do país, e, no fundo, eu queria que Henrique também tivesse esse medo.

– O que a gente vai fazer? – Ele perguntou subitamente.

– Como assim?

– Da vida. Ano que vem, faculdade, cidades...

– Ah... – Foi a única coisa que eu consegui responder. Uma sensação gelada caiu sobre mim e se alojou na minha garganta. – Eu não sei... Os resultados ainda demoram, né.

– Demoram. – Concordei. Ele se virou completamente de barriga para o chão e afundou o rosto na almofada em que apoiava a cabeça, inquieto. – A gente pode não pensar nisso até lá.

Eu sugeri isso como se não pensasse em todas as possibilidades a cada segundo. Henrique se mexeu mais uma vez, levantando o suficiente para se arrastar até mim e deitar a cabeça na minha barriga e fixou o olhar em mim dali. Eu ainda estranhava as vezes em que ele buscava contato físico tão abruptamente.

– Eu não consigo não pensar. – Fechou os olhos. – Ficar fazendo nada igual agora, mas sem você... Parece coisa de outro mundo.

– Coisas de outro mundo também podem ser boas. – Brinquei, puxando de leve uma mecha de cabelo dele.

– Essa não seria. – Bufou. – Não é.

Senti um aperto leve no peito quando olhei para ele de olhos fechados apoiado em mim daquele jeito. Essa foi a primeira vez em que eu me senti questionar realmente o que éramos um para o outro.

– Então pensa que a gente vai passar para a mesma faculdade e vamos continuar estudando juntos.

Ele abriu os olhos e sorriu. Meu coração se apertou mais uma vez, eu o acalmava, mas dentro de mim tudo se remexia.

– Bem melhor. – Comemorou. – Nós podemos até morar em dormitórios próximos, assim não íamos precisar de ônibus para nos ver.

– Definitivamente essa é uma ótima ideia. – Desde que começamos a ir na casa um do outro a maratona de esperar meia hora no ponto de ônibus e mais meia hora de viagem até a casa dele já havia me cansado muito.

– Viu? Nós dois estamos pensando positivo agora. Vai dar tudo certo.

Assenti, ele se remexeu e ergueu o olhar para o teto mais uma vez.

– Você também tem medo de pensar no futuro? – Perguntei, eu sabia que isso incluía voltar a conversa para a incerteza da faculdade, mas internamente a minha pergunta se referia a realmente anos à frente.

– Eu tenho pavor. – Admitiu. – Mas eu gosto disso, não saber o que vai acontecer e o que vai ser de nós é bom, faz tentar deixar as coisas boas agora, para depois serem melhores ainda.

– Você deveria ser um filósofo grego, não um geólogo brasileiro.

– Não tive essa opção, mas no futuro quem sabe. – Brincou. – Viu? Futuro de novo.

– Futuro de novo. – Repeti.

– Para falar a verdade – ele voltou a me olhar –, quando eu penso no futuro agora, eu só penso que ainda quero estar com você do meu lado.

Não contive um sorriso.

– Quem sabe. – Brinquei.

– Quem sabe. – Ele repetiu.

## **Dia 29 de Novembro, 2016.**

Henrique havia viajado mais uma vez graças ao seu projeto de pesquisa. Dessa vez para o México. Ele nunca havia ido tão longe, e isso me dava uma mistura de sensações estranhas. Parte de mim era extremamente feliz por Henrique, ele conseguia essas coisas por causa do seu esforço e por fazer o que amava, ele era o braço direito de quase todo o núcleo de pesquisa da faculdade. A outra parte de mim se doía por constatar que Henrique era livre, e como ele poderia muito bem se afastar cada vez mais, indo para longe ou não, enquanto eu ficaria aqui, escrevendo num maldito caderno do Star Wars o quando eu me sentia idiota por conta dele no final do dia.

Veja bem, não tive nenhum tipo de acesso, nem de crise. Não estou revoltado. É apenas uma constatação. Henrique é livre sim. Enquanto isso eu ainda fico preso na caixa de aço, vendo apenas o branco manchado das paredes do nosso quarto e, porra, como eu odiava o quão dramático eu soava falando essas coisas.

Eu sei que sou livre também, mas não da mesma forma que Henrique. E eu queria o azul, o rosa, o laranja, o vermelho. Toda as cores. E não esse espaço cinza entre nós que era a falta de certeza sobre o que eu sinto por ele e sobre o que somos de verdade um para o outro.

Talvez estivesse realmente na hora de tomar uma iniciativa. Ou, pelo menos, na hora de criar coragem e abrir os comentários do meu post no fórum para saber o que haviam dito sobre a minha história com Henrique. Precisei de quase um mês para criar essa coragem, agora ao menos me daria ao trabalho de ler o que dissera em resposta.

O fórum exibia no topo da seção de comentários os que recebiam mais likes dos usuários, por isso não precisei rolar muito pela página para encontrar algo.

*[226 likes] Como um bom cara hétero de trinta e poucos anos, eu nunca pensei que diria isso, mas eu estou shippando TANTO vocês dois, caras. (Eu aprendi isso direito, jovens?). Sério, tem que acontecer algum*

*tipo de momento de primeiro beijo no nível Disney de ADORÁVEL logo, logo. Boa sorte!*

*[133 likes] “Sinceramente, o Riquinho poderia me dar um montinho de bosta de pato que ele achasse cientificamente significativa, e eu provavelmente ainda assim guardaria com carinho.” AI MEU DEUS DO CÉU QUE COISA FOFA. A coisa toda foi muito fofa, eu não consigo, mas eu especificamente amei essa parte. Vocês soam como se fossem ser um ótimo casal. De verdade. E provavelmente já são, hihi. Be brave! ~Boa sorte!*

*[200 likes] Na próxima vez que vocês estiverem juntos, você pode comprar alguns daqueles chocolates Kisses e esconder a sacola em algum lugar. Daí, num desses momentos em que vocês ficam de conchinha e tal você vira e pergunta “Posso te dar 1 beijo?”. Ai PLAU, se ele responder “ei, vamos fazendo”, parabéns. Se não, você pode simplesmente rir e tirar a sacola e dar um chocolate para ele como se ele tivesse entendido a piada errado! HEHEHEHE*

*[300 likes] Migo, não tenho muito o que te dizer além de “seja corajoso”. Você está numa situação até que bem delicada, pode arriscar uma amizade. Mas não acho que seja o caso de que algo ruim vá acontecer. É engraçado como eu consegui sentir a força do que existe entre vocês dois só nesses relatos do seu post. Provavelmente a coisa mais fofa que já surgiu nesse fórum que só tem gente ruim. Enfim, seja corajoso, tome a iniciativa e converse com ele. Vai dar tudo certo!*

*[155 likes] 10/10 amei a fic.*

Vários outros comentários repetiam praticamente as mesmas coisas ou simplesmente surtavam dizendo que aquela era a história mais fofa que já tinham lido na vida. Eu tinha que concordar, se eu não estivesse na minha pele, no caso, e visse toda a situação de longe eu provavelmente também estaria gritando de fofura. Mas, como eu sou eu, estou gritando é de desespero.

Esse era o ponto, era eu que estava ali lendo todos aqueles comentários me dizendo para ser corajoso e para contar o resto da história.

Se houvesse algum resto, talvez eu não contasse, pensei, seria expor Henrique mais ainda...

Meu celular tocou, me despertando do transe causado pelos comentários, justamente o toque de Henrique.

**“Tô com saudade.**

**Inclusive, seria ótimo se você abrisse a porta do quarto agora.”**

Estranhei, ele só deveria voltar no começo da primeira semana de dezembro. Fui até a porta vagorosamente e a abri tão devagar quanto. Henrique me encarava com a mala na mão, um sorriso no rosto e um embrulho de presente equilibrado sobre as malas.

– Pensei que fosse levar mais dez minutos para abrir essa porta. – Disse ácido, mas logo riu do próprio tom.

– Ué, você está aqui faz quanto tempo? – Perguntei, o puxando para dentro.

– Uns quinze minutos. – Contou.

– E não me chamou porquê?!

– Eu chamei! Mas você estava entretido demais com alguma outra coisa e não me ouviu. Fiquei desolado.

– Então você foi simplesmente folgado e não quis abrir a porta com a sua própria chave. – Acusei.

– Quase isso. – Concordou, jogando a mala num canto ao lado da sua cama, tomando cuidado para pegar o embrulho de presente antes disso.

– Eu na verdade só queria ver a sua cara quando abrisse a porta e me encontrasse de surpresa aqui mais cedo.

– Mas você mandou mensagem, estragou a surpresa.

– A culpa é sua, quem manda ser lerdo e não me ouvir bater? – Protestou. – Agora esquece disso, toma – ele me entregou o embrulho –, é pra você.

Resmunguei qualquer coisa tentando me defender enquanto pegava o embrulho das suas mãos e corria até a minha cama para abrir. O embrulho dessa vez era preto e pontilhado com algumas estrelinhas prateadas, tirei dali de dentro um vidrinho cilíndrico que abrigava uma lasca de pedra acinzentada

– Isso é uma pedrinha do templo de Kukulcán. De verdade. – Ele sorria orgulhoso de si mesmo enquanto contava.

– Como você conseguiu isso? Eles não tem tipo... Segurança? Pras pessoas não chegarem perto e arrancarem pedaços dos monumentos não?

Henrique se aproximou e sentou ao meu lado.

– Então, lembra quando você disse que se fugíssemos seríamos tipo Bonnie e Clyde? Na época não havíamos cometido crime nenhum. Mas agora...

– Ai meu deus do céu. – Eu o encarei atônito. – Você é um criminoso.

– Já está feito, agora você tem um pedaço da história da civilização Maia só para você!

– Ma-.

– Nem vem com “mas”. – Ele tapou a minha boca com as mãos.

Desisti de resmungar qualquer coisa.

– Eu deixei algumas coisas lá na entrada, você poderia fazer o gigantesco favor de buscar para mim, por favor? Preciso urgente ir ao banheiro. – Pediu, e eu assenti.

Meu coração ainda palpitava enquanto eu descia as escadas até a entrada do prédio e encontrei duas malas de mão amontoadas ao lado da porta de entrada do prédio. Só Henrique era louco o suficiente para largar as coisas jogadas assim em qualquer lugar.

Só então me dei conta de que poderia ter ferrado com tudo.

Meu notebook estava aberto bem na minha cama, exatamente na página da minha postagem. Se Henrique lesse ele sacaria tudo de cara. *Putá*

*merda* , xinguei mentalmente, correndo até as malas para então voltar e correr escadas acima. Eu gritava internamente comigo mesmo. Cantando um coral altíssimo mental de “ *merda, merda, merda merdaaaaaaaaaa.*”

Até escancarar a porta do nosso quarto e encontrar Henrique deitado na minha cama, o notebook fechado no chão, logo ao lado. Respirei pesadamente até largar as malas junto das outras coisas de Henrique e me joguei de qualquer jeito sentado na cama dele.

Ouvi um apito alto – do relógio de mão de Henrique – e me sobressaltei com o som.

– Meia noite. – Explicou. – Trinta de novembro.

Assenti. Aquele era provavelmente o começo de conversa mais estranho entre nós dois. Eu provavelmente havia fechado o notebook e não lembrava, era isso. Graças a Deus... Ou não.

Ele esticou o braço para mim e repetiu seu gesto de me chamar para perto. Deitei ao seu lado, nos espremendo no colchão estreito e me aconcheguei ali.

De olhos fechados, eu quase conseguia ver os comentários que li passando pela minha mente sem parar. Todos me mandando ser corajoso, para tomar uma atitude, era isso ou tentar a técnica do chocolate.

Me afastei levemente, o suficiente para que conseguisse olhá-lo nos olhos confortavelmente.

– Henrique... – Chamei.

Ele respondeu com um som qualquer da garganta.

– Eu preciso falar com você de uma coisa... Na verdade, eu preciso te perguntar algo. Eu posso?

– Tecnicamente você acabou me perguntar algo. – Ele fechou os olhos e sorriu. Eu notei o quanto sua expressão parecia cansada.

– Idiota. – Xinguei.

– Tudo bem, pode perguntar qualquer coisa para o idiota.

– É sério.

– Também pode perguntar coisas sérias. – Ele abriu os olhos novamente.

– Então eu vou perguntar. – Anunciei.

– Você já está me enrolando com isso.

Suspirei, respirei fundo algumas vezes, e me permiti ser corajoso.

– O que, exatamente, nós somos, Henrique? – Perguntei, não dando tempo para que ele respondesse. – Eu sinceramente não consigo mais ver o que a gente tem como só “melhores amigos” ou qualquer coisa assim, e algo me diz que você também. Eu só preciso de algo concreto, sabe? Têm todos esses motivos que me fazem acreditar que não é só isso e-.

– Eu li o seu post. – Ele disse, me interrompendo. – Pelo menos uma parte dele.

Arregalei os olhos, assustado, já esperando a pior das reações vindo dele.

– Você deixou a página aberta no notebook quando desceu e eu fui escroto e li sem a sua permissão. – Contou.

No caso quem deveria ser chamado de escroto era eu, não ele. Ugh.

– Eu não sei o que falar agora. – Consegui recuperar a voz. – Eu não deveria ter feito isso, desculpa.

– Porque não? Você tem todo o direito.

– Eu queria algo que me encorajasse. – Desviei o olhar para a janela próxima a nossas cabeças.

– E eu precisava ler isso para notar que, de todos os motivos, o que me faz ser algo *seu* é só o fato de nós dois existirmos.

Meu coração disparou mais uma vez. Dessa vez não de medo, não de constrangimento. Mas por tudo. Tudo junto de uma só vez. A palavra “seu” sendo dita pela voz de Henrique substituiu qualquer coisa que estava ocupando a minha mente naquele momento e se repetiu por ali.

– Então somos realmente namorados? – Perguntei, o fazendo rir.

– Precisamos de um pedido para isso. – Ele retrucou, empinando o nariz.

Toda a situação era uma mistura de constrangedora, fofa e engraçada. As cabeças apoiadas no travesseiro, tão próximas que agora eu sentia a respiração dele se misturando a minha.

– Então, Bruno Henrique, você quer, a partir desse dia trinta de novembro, ser meu namorado?

– Eu quero sim, Petro. – Ele respondeu, e se revirou até estar em cima de mim na cama, se alocando de qualquer jeito naquele espaço para *finalmente* juntar nossos lábios.

Beijar Henrique se tornou instantaneamente a minha coisa favorita do mundo. Ele tinha os lábios finos, que eram macios e quentinhos contra os meus, o peso do corpo dele acima de mim, me envolvendo completamente, me fazia sentir seguro. Era ali que eu queria estar. No começo parecíamos completamente novos naquilo, como se nunca houvésemos beijado ninguém antes, desajeitados e rindo de tudo, mas logo conhecemos cada canto possível dos lábios e da boca do outro.

Ele beijava bem, se movia com calma e no tempo certo. Era como naquela vez em que dançamos juntos sem música nenhuma. Bêbados, com os corpos colados, quase como estávamos agora. Entretanto, o agora era muito melhor, muito mais confortável. O toque dele espalhava sensações boas por todo o meu corpo, e até mesmo as mordidas leves que ele deu uma vez no meu lábio inferior me causavam arrepios.

Passamos o que pareceram horas apenas aprendendo todos os caminhos dos beijos um do outro. Eu poderia me perder, que Henrique logo me encontraria. Depois de um bom tempo apenas nisso eu senti os primeiros beijos dele que desciam do meu maxilar até o pescoço.

Dessa vez não havia timidez como no mirante, e eu não precisava esconder como eu me sentia com cada toque dele. Ele mordiscava de leve a minha pele e eu queria fazer o mesmo com ele, queria saber como seria ver a pele branquinha do seu pescoço manchada de vermelho por minha causa.

E logo o fiz, inverti nossas posições na cama e afundei o rosto no seu pescoço, a sensação de beijá-lo ali se misturando ao prazer de senti-lo tão perto e ao cheiro do seu perfume.

Ele se levantou e me puxou consigo, levando nossos travesseiros junto, os jogou no tapete no meio do quarto e nos deitamos ali, lado a lado. Era quase igual a todas as vezes em que nos jogamos no chão do quarto dele, ou do meu, para fazer nada e encarar o teto. A diferença, é que dessa vez eu queria continuar beijando Henrique, e podia beijá-lo. Eu me sentia com 15 anos de novo, a idade com que conheci Henrique, porque o beijar era uma novidade e meu corpo respondia de todas as mesmas formas que o meu corpo adolescente faria.

Naquele momento eu poderia até mesmo fazer um filme documentário apenas relatando como era beijar Henrique.

Mais tarde, apaguei o post no fórum, ainda me sentia estranho com aquilo para que toda a internet visse, e preferi deixar que quem leu criasse o próprio final para a história do usuário Azul1 e o tal do Riquinho.

Fazer nada com Henrique agora era minha segunda coisa favorita no mundo, definitivamente, porque no dia trinta de novembro eu o pedi em namoro e agora eu podia beijá-lo o quanto eu quisesse.

*[497 likes] AAAAAAAAAAAAA PELO AMOR DE DEUS, ELE APAGOU O POST??? EU TÔ FORA DE MIM! Só queria saber se estava shippando certo! Merda TT.TT*

## **Sobre o Autor**

Vitor Castrillo cresceu em São Paulo, é estudante de Psicologia na Universidade Paulista e acredita que tudo possui uma explicação. É leitor ávido desde criança, começou a ler por histórias juvenis e encontrou nelas sua paixão, escrever veio como consequência. Passa boa parte do dia gritando por músicas, séries e filmes no twitter, onde fala de tudo que gosta e reclama um pouquinho. Seu principal objetivo é encontrar e escrever livros com representatividade para fazer com que outros leitores consigam se enxergar nas páginas da mesma forma que ele se viu em tantas histórias.

Twitter: @vitocastrillo

Instagram: @vitocastrillo